Reprodução/ Instagram (@tzdacoronel)



Do status ao manifesto

Principal motor financeiro das grandes grifes, a bolsa se reinventa entre modelos gigantes, versões minúsculas e criações autorais que valorizam a identidade regional

POR EDUARDO FERNANDES

Antes mesmo de o corte de um casaco ser notado ou de um sapato tocar o chão, há um objeto que costuma chegar primeiro e dizer quase tudo sobre quem o carrega. Na elegante engrenagem da moda contemporânea, a bolsa transcendeu há muito tempo a função elementar de somente guardar pertences. Hoje, ela funciona como moeda simbólica, termômetro comportamental, conceito estético e, não raro, o principal motor financeiro dos grandes conglomerados de luxo.

Com isso, ao contrário das peças de vestuário, condicionadas a caimentos, tamanhos e silhuetas específicas, a bolsa possui uma vocação democrática no que diz respeito ao corpo — e, justamente por isso, concentra um poder de identificação quase imediato. Dessa forma, a bolsa talvez seja o objeto de moda que melhor traduz o desejo. Diferentemente da roupa, ela não depende tanto de idade, silhueta ou numeração, e consegue atravessar diferentes gerações.

"É, também, um dos acessórios com maior capacidade de carregar a identidade de uma grife. Modelos como Birkin, 2.55 ou Speedy são mais facilmente reconhecidos que a pessoa que está usando. A bolsa deixou de ser apenas um acessório para se tornar um ativo simbólico: vende pertencimento, exclusividade e, sobretudo, o desejo de fazer parte de uma determinada narrativa de moda", analisa o stylist Fernando Lackman.

Se por um lado o acessório sustenta o imaginário do status, por outro ele funciona como um arquivo vivo da história social. Cada alteração de alça, volume ou compartimento denuncia mudanças profundas nos hábitos de quem circula pelas cidades. Para o stylist, a bolsa sempre foi um reflexo do seu tempo. Quando as mulheres conquistaram maior autonomia e passaram a ocupar novos espaços na sociedade, o acessório precisou acompanhar essa transformação.

"Os formatos, materiais e proporções mudaram conforme mudavam os hábitos e as necessidades de cada geração. Hoje, convivemos com uma diversidade enorme de linguagens. Gosto de observar como a bolsa deixou de obedecer a uma única ideia de elegância: ela pode ser utilitária, escultórica, esportiva, minimalista ou extravagante. A moda contemporânea permite essa coexistência", pontua Lackman.

O fim de um tabu

Essa transformação histórica ganhou um capítulo decisivo nos últimos anos com a consolidação definitiva das bolsas no universo masculino — movimento que rompe com uma restrição estética que durou mais de um século.